

Caderno de Questões

Bimestre	Disciplina		Turmas	Período	Data da prova	P 163009
3.o	Estudos Linguísticos		1.a Série	M	15/09/2016	
Questões	Testes	Páginas	Professor(es)			
III-P	8	10	Lia / Mila			
Verifique cuidadosamente se sua prova atende aos dados acima e, em caso negativo, solicite, imediatamente, outro exemplar. Não serão aceitas reclamações posteriores.						
Aluno(a)				Turma	N.o	
Nota		Professor		Assinatura do Professor		

Instruções

1. Leia com atenção as questões da prova.
2. A prova deve ser feita a tinta e você deve respeitar os espaços reservados para as respostas.
3. As respostas que estejam incompletas, rasuradas ou que apresentem erros de grafia e de acentuação serão descontadas total ou parcialmente.
4. Procure obedecer às normas da língua culta.
5. É possível destacar a folha de respostas, desde que o cabeçalho esteja preenchido.
6. Na primeira aula do 4.o bimestre, traga o caderno de questões e o gabarito que será publicado na Internet. Ademais traga impressa ou salva em um tablet a prova corrigida que será enviada a seu e-mail da escola.

Parte I: Testes (valor: 2,4)

Leia o fragmento da matéria abaixo para responder aos testes 01 e 02.

5 jeitos divertidos de mostrar para o crush que você está a fim dele

Por Fernanda Lopes e Malu Pinheiro

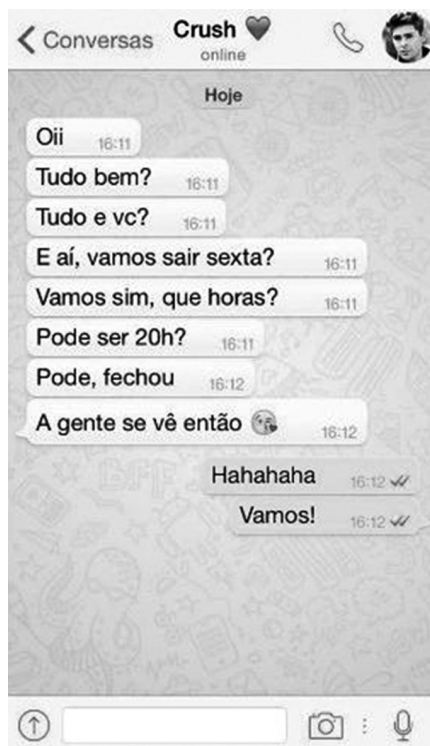
Saiba como conquistar o boy sendo fofa e divertida no WhatsApp.

Sabe quando você tá louca para falar com o boy, já percebeu que ele também te curte mas ainda não sabe como fazer para deixar um pouquinho mais claro que demorou para rolar alguma coisa entre vocês?

Com a nossa ajuda, você será superfofa, divers ou até um pouco ousada nas mensagens de WhatsApp, já dando a dica de que está a fim dele. Você escolhe! É só ter um pouquinho de coragem e assumir esse sentimento dentro de você ;)

1. Sem enrolação

Se o menino for do tipo mais tímido e que demora para tomar a iniciativa, você pode brincar de fazer o trabalho pelos dois! Hahaha!



Fonte: <http://capricho.abril.com.br/vida-real/5-jeitos-divertidos-mostrar-crush-voce-ta-fim-dele-911460.shtml> (texto adaptado)

01. No fragmento da matéria da revista *Capricho*, as autoras reproduzem a variação linguística do público ao qual a matéria é destinada, que seriam garotas adolescentes. Indique o trecho em que figura uma marca sintática da variação retratada no texto.
- a. "5 jeitos divertidos de mostrar para o crush que você está a fim dele".
 - b. "Saiba como conquistar o boy sendo fofa e divertida no *WhatsApp*".
 - c. "Sabe quando você tá louca para falar com o boy, já percebeu que ele também te curte".
 - d. "demorou para rolar alguma coisa entre vocês?".
 - e. "já dando a dica de que está a fim dele".
02. A matéria também reproduz uma mensagem trocada entre dois adolescentes por meio de um aplicativo de mensagem. Sobre esta, considere as afirmações a seguir:
- I. Na reprodução da conversa, a demonstração de afeto é feita utilizando uma linguagem coloquial, o que se percebe com a utilização da expressão "e aí" e do termo "fechou".
 - II. Percebe-se uma proximidade no tratamento entre os interlocutores, com o uso do pronome de tratamento "você".
 - III. A mensagem é um exemplo do comportamento "ousado" que a matéria quer assinalar às meninas, uma vez que a autora da mensagem não espera a resposta do interlocutor e responde como se fosse o próprio.

É(São) correta(s)

- a. somente I e III.
- b. somente I.
- c. somente I e II.
- d. somente II e III.
- e. todas.

Aluno(a)	Turma	N.o	P 163009
			p 3

Leia a crônica abaixo, do jornalista português Vital Moreira, para responder ao teste 03.

Crónica do falar lisboetês

De súbito, o homem do quiosque de Lisboa a quem eu pedira os meus jornais habituais interpelou-me: - O senhor é do Norte, não é? Respondi-lhe que não, que nasci na Bairrada e que resido há quase 40 anos em Coimbra. Fitou-me perplexo. Logo compreendi que do ponto de vista de Lisboa tudo o que fique para cima de Caneças pertence ao Norte, uma vaga região que desce desde a Galiza até às portas da capital. Foi a minha vez de indagar por que é que me considerava oriundo do Norte. Respondeu de pronto que era pela forma como eu falava, querendo com isso significar obviamente que eu não falava a língua tal como se fala na capital, que para ele, presumivelmente, não poderia deixar de ser a forma autorizada de falar português.

Foi a primeira vez que tal me aconteceu. Julgava eu que falava um português padrão, normalmente identificado com a forma como se fala "grosso modo" entre Coimbra e Lisboa e cuja versão erudita foi sendo irradiada desde o século XVI pela Universidade de Coimbra, durante muitos séculos a única universidade portuguesa. Afinal via-me agora reduzido à patológica condição de falante de um dialecto do Norte, um desvio algo assim como a fala madeirense ou a açoriana. Na verdade - logo me recordei -, não é preciso ser especialista para verificar as evidentes particularidades do falar alfacinha dominante. Por exemplo, "piscina" diz-se "pichina", "disciplina" diz-se "dichi-plina". E a mesma anomalia de pronúncia se verifica geralmente em todos os grupos "sce" ou "sci": "crecher" em vez de "crescer", "seichentos" em vez de "seiscentos", e assim por diante. (...)

Uma outra tendência cada vez mais vulgar é a de comer os sons, sobretudo a sílaba final, que fica reduzida a uma consoante aspirada. Por exemplo: "pov" ou "continent", em vez de "povo" e de "continente". Mas essa fonofagia não se limita às sílabas finais. Se se atentar na pronúncia da palavra "Portugal", ela soa muitas vezes como algo parecido com "Prt'gâl". O que é mais grave é que esta forma de falar lisboeta não se limita às classes populares, antes é compartilhada crescentemente por gente letrada e pela generalidade do mundo da comunicação audiovisual, estando por isso a expandir-se, sob a poderosa influência da rádio e da televisão. Penso que não se trata de um desenvolvimento linguístico digno de aplauso. Este falar português, cada vez mais cheio de "chês" e de "jês", é francamente desagradável ao ouvido, afasta cada vez mais a pronúncia em relação à grafia das palavras e torna o português europeu uma língua de sonoridade exótica, cada vez mais incompreensível já não somente para os espanhóis (apesar da facilidade com que nós os entendemos a eles), mas inclusive para os brasileiros, cujo português mantém a pronúncia bem aberta das vogais e uma rigorosa separação de todas as sílabas das palavras.

A propósito do português do Brasil, vou contar uma pequena história que se passou comigo. Na minha primeira visita a esse país, fui uma vez convidado para um programa de televisão em Florianópolis (Santa Catarina). Logo me avisaram que precisava de falar devagar e tentar não comer os sons, sob pena de não ser compreendido pelo público brasileiro, que tem enormes dificuldades em compreender a língua comum, tal como falada correntemente em Portugal. Devo ter-me saído airosamente do desafio, porque, no final, já em "off", o entrevistador comentou: "O senhor fala muito bem português.". Não me ocorreu melhor do que retorquir: - Sabe, fomos nós que o inventámos...

Por vezes conto esta estória aos meus alunos de mestrado brasileiros, quando se me queixam de que nos primeiros tempos da sua estada em Portugal têm grandes dificuldades em perceber os portugueses, justamente pelo modo como o português é falado entre nós, especialmente no "dialecto" lisboetês corrente nas estações de televisão. Quando deixei o meu solícito dono do quiosque lisboeta do início desta crónica, pensei dizer-lhe em jeito de despedida, parafraseando aquele episódio brasileiro: - Sabe, a língua portuguesa caminhou de norte para sul... Logo desisti, porém. Achei que ele tomaria a observação como uma piada de mau gosto. Mas confesso que não me agrada nada a ideia de que, por força da força homogeneizadora da televisão, cada vez mais portugueses sejam "colonizados" pela maneira de falar lisboeta. E mais preocupado ainda fico quando penso que nessa altura provavelmente teremos de falar em inglês para nos entendermos com os espanhóis e - ai de nós! - talvez com os próprios brasileiros...

Fonte: <https://www.publico.pt/espaco-publico/jornal/cronica-do-falar-lisboetes-138178> (texto adaptado)

03. Sobre a crônica, assinale a alternativa **incorreta**.

- a. Na crônica, o fator determinante da variação linguística apontada pelo homem do quiosque de Lisboa em relação à maneira de falar do autor é a mesma que este encontra na diferença entre o falar português e o brasileiro, isto é, variações determinadas pela região.
- b. O autor constrói sua argumentação ressaltando principalmente as marcas fonológicas que determinam a variação predominante na região de Lisboa, como se percebe no trecho “Por exemplo, ‘piscina’ diz-se ‘pichina’, ‘disciplina’ diz-se ‘dichi-plina’”.
- c. De acordo com o autor, o fato de o dialeto lisboetês atribuir ao português europeu uma sonoridade exótica, diferente, é o que faz com que essa variação deva ser predominante entre as demais variações presentes em Portugal.
- d. Percebem-se marcas de variação em relação ao léxico típico do português europeu na expressão “falar alfacinha”, que, no contexto, refere-se à variação dominante de Lisboa.
- e. O comentário do apresentador brasileiro de que o autor “fala bem o português” significa que o autor produziu um português inteligível para o público brasileiro, afastando-se da sonoridade típica do português europeu.

Leia o cordel abaixo, composto pelo poeta paraibano Zé da Luz, para responder aos testes 04 a 06.

Ai se sesse

*Se um dia nós se gostasse;
Se um dia nós se queresse;
Se nós dois se impariásse,
Se juntinho nós dois vivesse!
Se juntinho nós dois morasse
Se juntinho nós dois drumisse;
Se juntinho nós dois morresse!
Se pro céu nós assubisse?
Mas porém, se acontecesse
qui São Pêdo não abrisse
as portas do céu e fosse,
te dizê quarqué toulíce?
E se eu me arriminasse
e tu cum eu insistisse,
prá qui eu me arrezorvesse
e a minha faca puxasse,
e o buxo do céu furasse?...
Tarvez qui nós dois ficasse
tarvez qui nós dois caísse
e o céu furado arriasse
e as virge tôdas fugisse!!!*

Zé da Luz. Fonte: <http://www.ablc.com.br/cordeis/cordeis.htm>

04. Assinale os fatores determinantes de variação ao qual o uso de termos como “drumisse”, “assubisse” e “quarqué toulíce” remete:

- a. idade e região.
- b. grupo social e tempo.
- c. situação de comunicação e tempo.
- d. tempo e idade.
- e. região e grupo social.

Aluno(a)	Turma	N.o	P 163009
			p 5

Considere o verbete adaptado ao responder aos testes 05 e 06.

arriar

v.

1. Fazer descer ou baixar (o que estava levantado, em cima, no alto). [td. : *arriar as meias: arriar a bandeira*]
 2. Baixar (algo que se carrega) sobre uma superfície, o chão etc. [td.: *Chegamos, pode arriar as malas.*] [tda. : *O carteiro arriou os pacotes na calçada.*]
 3. Curvar-se, vergar, cair sob peso ou sob o próprio peso. [int. : *Com tanta carga, o cavalo arriou: Com o peso dos livros, a estante arriou*]
 4. Fazer ceder ou ceder ao cansaço, abatimento ou desânimo. [td. : *A longa estrada não arriou o andarilho.*] [int.: *Por causa da gripe, a turma inteira arriou (-se).*]
 5. Descarregar-se (a bateria de veículo a motor). [int.]
 6. Depor (armas), declarando-se vencido. [td.]
 7. Mar. Baixar o que estava em ponto elevado, por meio de cabos e roldanas; abater, amainar. [td.]
 8. Bras. Pop. Ficar apaixonado, caído de amor por alguém [int. : *Deslumbrou-se com a beleza da moça, e arriou.*]
- [F.: Or. posv. da forma "arrear". Hom./Par.: *arriar, arrear* (todas as fl.); *arrieis* (fl.), *arriéis* (sm. e pl.).]

Fonte: Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/arriar>

05. No fragmento "e a minha faca puxasse,/e o buxo do céu furasse?/Tarvez qui nós dois ficasse/tarvez qui nós dois caísse/ e o céu furado **arriasse**/ e as virge tôdas fugisse!", o verbo "arriar" se aproxima da acepção_____.
- a. 1.
 - b. 2.
 - c. 3.
 - d. 7.
 - e. 8.
06. Assinale a alternativa **incorreta**:
- a. São informações gramaticais relativas à morfologia "v." e "pl."
 - b. "Hom./Par.: *arriar, arrear* (todas as fl.) " são informações relativas à fonologia.
 - c. "Chegamos, pode arriar as malas" é uma abonação que ilustra o emprego da segunda acepção.
 - d. As indicações "td." e "int." são relativas à sintaxe, pois indicam a forma de empregar o verbo ao se construir a oração.
 - e. As indicações "Mar" e "Bras. Pop" são observações referentes ao contexto de uso para determinadas acepções.

Texto para as questões de 07 e 08.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

07. (FUVEST-2012) Depreende-se do texto que uma determinada língua é um
- conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
 - sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
 - conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
 - complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
 - conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.
08. (FUVEST-2012) De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo
- inovador.
 - restritivo.
 - transigente.
 - neutro.
 - aleatório.

Parte II: Questões dissertativas (valor: 3,6)

01. Leia a tirinha:



Fernando Gonsales, *Níquel Náusea: Cadê o ratinho do titio?* São Paulo: Devir, 2011.

- a. (valor: 0,6) Segundo o contexto, o modo rebuscado das traças se expressarem se devia à influência da leitura dos textos bíblicos. Analise as falas e identifique qual a marca de linguagem própria desses textos religiosos foi empregada de forma inadequada pelos insetos.
-
-
- b. (valor: 0,8) (FUVEST-2015) Mantendo o contexto em que se dá o diálogo, reescreva as duas falas do primeiro quadrinho, empregando o português usual e gramaticalmente correto.
-
-

Leia o depoimento para responder às questões 02 e 03.

Entre silêncios e diálogos

Havia uma desconfiança: o mundo não terminava onde os céus e a terra se encontravam. A extensão do meu olhar não podia determinar a exata dimensão das coisas. Havia o depois. Havia o lugar do sol se aninhar enquanto a noite se fazia. Havia um abrigo para a lua enquanto era dia. E o meu coração de menino se afogava em desesperança. Eu que não era marinheiro nem pássaro - sem barco e asa.

Um dia aprendi com Lili a decifrar as letras e suas somas. E a palavra se mostrou como caminho poderoso para encurtar distância, para alcançar onde só a fantasia suspeitava, para permitir silêncio e diálogo. Com as palavras eu ultrapassava a linha do horizonte. E o meu coração de menino se afogava em esperança.

Aluno(a)	Turma	N.o	P 163009 p 7
----------	-------	-----	------------------------

Ao virar uma página do livro, eu dobrava uma esquina, escalava uma montanha, transpunha uma maré.

Ao passar uma folha, eu frequentava o fundo dos oceanos, transpirava em desertos para, em seguida, me fazer hóspede de outros corações.

Pela leitura temperei a minha pátria, chorei sua miséria, provei de minha família, bebi de minha cidade, enquanto, pacientemente, degustei dos meus desejos e limites.

Assim, o livro passou a ser o meu porto, a minha porta, o meu cais, a minha rota. Pelo livro soube da história e criei os avessos, soube do homem e seus disfarces, soube das várias faces e dos tantos lugares de se olhar. (...) Ler é aventurar-se pelo universo inteiro.

Bartolomeu Campos de Queirós. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 63.

02. (valor: 1,0) (UNICAMP-2016/adaptada) No trecho “Assim, o livro passou a ser o meu porto, a minha porta, o meu cais, a minha rota”, o autor faz uso de uma linguagem expressiva na construção do depoimento. Isso se torna evidente com a presença de metáforas que expressam a experiência do autor com a leitura. Escolha uma dessas metáforas e explique-a, considerando seu sentido no texto.

03. (valor: 1,2) No fragmento, o autor faz um depoimento sobre sua aprendizagem da leitura. Releia o primeiro e o último parágrafos e explique por que, segundo o autor, a leitura fez com que ele superasse sua “desesperança” de menino.

Parte III: Produção textual (valor 4,0)

No fragmento de “Entre silêncios e diálogos”, Bartolomeu Campos de Queirós relata como a aprendizagem da leitura permitiu que ele ampliasse sua visão de mundo, bem como sua visão sobre os sentimentos e comportamentos humanos. Lembre-se de uma situação em que você tenha aprendido ou descoberto algo que tenha sido significativo para você. Como você adquiriu esse conhecimento ou como ocorreu essa descoberta? Foi por meio de uma aula? De um filme? De um livro? De uma experiência concreta? Por que essa descoberta/ esse novo conhecimento foi significativo para você? Como você se sentiu quando adquiriu esse conhecimento/ quando fez essa descoberta? Seu jeito de se comportar mudou? Sua percepção da realidade se alterou? Como? Por que esse episódio se tornou marcante? A relação que você tinha com quem lhe ensinou isso era importante para você? Por quê? Procure relembrar o ambiente, os objetos, as pessoas, os sons que fazem parte da recordação.

Com base nessas memórias, produza um depoimento escrito em primeira pessoa, em que descreva em detalhes as ações empregando tempos do pretérito. Explore os sentimentos e sensações experimentados por você e não se esqueça de contextualizar o episódio, situando-o no tempo e no espaço. Imagine que o depoimento será publicado no blog da sala, para ser compartilhado com seus colegas.

[illegible]

Folha de Respostas

Bimestre 3.o	Disciplina Estudos Linguísticos	Data da prova 15/09/2016	P 163009 p 9	
N.o	01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50	Ano 1	Grupo A B C	Turma 1 2 3 4
Aluno(a)	Assinatura do Professor		Nota	

Parte I: Testes (valor: 2,4)

Quadro de Respostas

Obs.: 1. Faça marcas sólidas nas bolhas sem exceder os limites.
2. Rasura = Anulação.

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
b.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
c.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
d.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
e.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte II: Questões Dissertativas (valor: 3,6)

01.

a. (valor: 0,6) _____

b. (valor: 0,8) _____

02. (valor: 1,0) _____

03. (valor: 1,2) _____

[illegible]

1. Adequação à proposta (0,2): _____
2. Caracterização do gênero textual (0,8): _____
3. Linguagem e expressão (1,0): _____
4. Sequência narrativa: coerência e verossimilhança (2,0): _____

Parte I: Testes

01. Alternativa **c**.

No fragmento, não há uniformidade no uso dos pronomes, uma vez que as autoras utilizam primeiro a terceira pessoa do singular, com o pronome “você”, para se dirigirem às leitoras e, em seguida, fazem uso de um pronome de segunda pessoa (“te”). A mescla de pessoas gramaticais é uma marca sintática, própria do registro coloquial usado por adolescentes em contexto informal. Os termos “a fim”, “curte” e as expressões “dando a dica”, “demorou para rolar” e “tá louca” configuram marcas lexicais presentes nos trechos, que inclui também palavras estrangeiras, como “crush” e “boy”. Já o “tá”, sozinho, pode ser considerado marca fonológica.

02. Alternativa **e**.

Na reprodução da conversa, há o uso de uma linguagem coloquial, comprovada tanto no uso da expressão “e aí”, como uma maneira de chamar a atenção do interlocutor, quanto do termo “fechou”, fazendo uma afirmação de que a pessoa concordaria com o que foi proposto. Essas expressões são gírias características da variação linguística desse grupo social (adolescentes). Além disso, “você” é um pronome de tratamento usado normalmente para se dirigir a pessoas próximas, como é o caso dos interlocutores. Por fim, a mensagem funciona como um exemplo do comportamento “ousado” que a leitora poderia adotar, uma vez que a autora da mensagem toma a iniciativa e não espera a resposta do interlocutor, comportamento indicado pela matéria no trecho “Sem enrolação/Se o menino for do tipo mais tímido e que demora para tomar a iniciativa, você pode brincar de fazer o trabalho pelos dois!”.

03. Alternativa **c**.

Para o autor, a forma de falar lisboeta está se tornando a variação predominante, presente não apenas entre as classes populares, mas também entre a população letrada além de ser a variação difundida pelos meios de comunicação. Esta variação, que reduz a pronúncia dos sons vocálicos no português europeu, para o autor não é adequada. Isso porque esta sonoridade exótica é “desagradável ao ouvido” e pode tornar o português europeu incompreensível. Dessa forma, não se pode afirmar que o autor concorde ou afirme que a variação lisboeta deva ser predominante entre as demais variações presentes em Portugal.

04. Alternativa **e**.

Os termos “drumisse”, “assubisse” e “quarquê toulíce” remetem a marcas fonológicas típicas da variação popular nordestina da língua portuguesa, por isso a região e o grupo social com baixa escolaridade são os fatores determinantes dessa variação.

05. Alternativa **c**.

No fragmento “e a minha faca puxasse,/e o buxo do céu furasse?/Tarvez qui nós dois ficasse/tarvez qui nós dois caísse/e o céu furado arriasse/e as virge tôdas fugisse!”, o verbo “arriar”, empregado como intransitivo, remete figurativamente ao fato de o céu, onde os personagens se encontravam, se abrir por causa do golpe de faca do homem e ceder ao peso de quem se encontrava ali dentro, por isso a referência às virgens que poderiam fugir do local. Portanto, a acepção do termo é a 3.

06. Alternativa **c**.

Na segunda acepção, o uso de “Chegamos, pode arriar as malas” não apresenta nenhuma indicação de que o período seria uma citação de trechos ou frases de autores consagrados, portanto, configura-se como exemplo, e não abonação.

07. Alternativa **a**.

No fragmento, Celso Cunha explica que a língua é composta por diversos subsistemas – as variações/variedades. Cada subsistema atenderia a uma ou outra situação de comunicação. Ademais o gramático explica que a variação padrão, por ser a que tem maior prestígio social, assume um papel coercitivo, isto é, restritivo. Assim a adoção dessa variação como modelo atuaria como força contrária às mudanças que distanciariam cada vez mais as variações/variedades da língua.

08. Alternativa **b**.

Celso Cunha defende, no fragmento, que a variação padrão seria uma força que limitaria a variação linguística, ou seja, essa variação teria um papel restritivo.

Parte II: Questões

01.

- a. Na tirinha, as traças tentam em vão reproduzir o uso da segunda pessoa do plural ao se dirigir ao interlocutor [, cometendo inúmeros desvios em relação à variação padrão.]
- b. Empregando o português usual e adequado à norma padrão, as frases seriam *Como foi o seu dia?* e *“Queria que tivesse sido melhor”/“Queria que fosse melhor”*.

02. Considerando os sentidos construídos no texto, a metáfora do livro como uma porta remete à possibilidade de o livro ser um meio de acesso (assim como uma porta) para experiências e para a ampliação do conhecimento [de mundo do leitor e do conhecimento de si mesmo e dos outros].

ou

A metáfora do livro como cais ou como porto remete à possibilidade de o livro ser o ponto de partida/chegada para as “viagens”, isto é, experiências diversificadas e/ou conhecimento ampliado sobre o mundo, sobre si e sobre os outros proporcionados pela leitura.

ou

A metáfora do livro como rota remete à possibilidade de o livro fazer o leitor experimentar, por meio da vivência relatada nos livros, emoções diversas, percorrendo caminhos imaginários que lhe proporcionam vivências significativas e ampliação da sua visão de mundo.

03. Ao aprender a ler, o menino consegue superar o sentimento de impotência quanto à possibilidade de conhecer mais do mundo do que lhe permitiam os sentidos. Recupera, assim, a “esperança” de conhecer o universo que estava para além da sua realidade imediata.

Parte III: Produção textual

Comentários sobre a produção de texto – gênero depoimento

Para desenvolver a proposta, o aluno deveria abordar uma situação em que tenha aprendido ou descoberto algo que foi significativo para ele, compondo, assim, um depoimento de acordo com as características estudadas em sala para esse gênero. Dessa forma, os alunos deveriam apresentar, para compor o depoimento, uma experiência pessoal, relatando um episódio em particular (que poderia ser acompanhado de uma série de eventos associada ao episódio selecionado) já ocorrido, situando-o no tempo e no espaço. Como um dos objetivos do depoimento é compor uma imagem precisa dos fatos, é importante que o texto apresente trechos descritivos de forma lógica e compreensível, para que o interlocutor apreenda não só a situação narrada como também as sensações e sentimentos suscitados no locutor. Para atingir o objetivo proposto, os alunos deveriam construir o depoimento com o uso da primeira pessoa do singular e dos verbos predominantemente no passado. Além disso, pode-se utilizar uma linguagem pessoal e subjetiva na construção do relato.

O texto será avaliado de acordo com os seguintes critérios:

01. **Adequação à proposta** – Este item avalia se o texto é adequado ao gênero textual depoimento, considerando a situação de produção estabelecida pela proposta (se o aluno é o locutor; se os colegas de sala são o público-alvo, se existe o relato de uma experiência pessoal; e se o relato escrito poderia ser publicado no blog da sala).
02. **Caracterização do gênero textual** – Este item avalia se o aluno respeitou as características estudadas para o gênero depoimento: se o relato foi construído com o uso da primeira pessoa do singular; se o locutor é o protagonista (ou um dos protagonistas); se há o predomínio das tipologias narrativas e descritivas; se há o uso predominante dos verbos no pretérito para relatar o episódio escolhido; e se há a exploração das sensações e/ou sentimentos vivenciados pelo locutor.
03. **Linguagem: adequação e expressividade** – Neste item, observa-se a adequação da linguagem para um depoimento de um adolescente que relata uma experiência pessoal aos colegas de sua sala, por meio da publicação em um blog da turma. Dessa forma, o aluno pode empregar tanto uma linguagem mais formal, em que se empreguem recursos estilísticos similares aos que foram utilizados em textos literários trabalhados em sala, quanto uma linguagem em que estão presentes marcas de coloquialidade pertinentes à variação linguística usada por adolescentes ao se dirigirem aos seus pares. O uso variação explorado de forma expressiva, bem como o uso de recursos de linguagem são, contudo, bastante valorizados, uma vez que permitem uma construção estilisticamente marcada.
04. **Sequência narrativa: coerência e verossimilhança** – Neste item, avalia-se se o depoimento contém ações verossímeis e se estas foram apresentadas de forma lógica e compreensível para o leitor (não necessariamente de forma linear). Além disso, observa-se se a contextualização feita ao longo do texto é suficiente para situar o(s) evento(s) no tempo e no espaço e estabelecer as relações entre as personagens envolvidas. Deve-se analisar, também, como foi explorada a subjetividade no relato das ações/fatos, avaliando se o aluno conseguiu apresentar as sensações e sentimentos de maneira aprofundada e expressiva, com o intuito de compartilhar com o leitor a experiência vivida.